

Pe. Fábio de Melo

Quanto
eus que
não são
meus?

Como desvelar, construir
e preservar a identidade

Pe. Fábio de Melo

Quantos eus que não são meus?

Como desvelar, construir
e preservar a identidade



Copyright © Padre Fábio de Melo, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Carmen T. S. Costa e Andréa Bruno
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Rafael Brum
Imagem de capa: UntitledImages/iStock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Melo, Fábio de

Quantos eus que não são meus: como desvelar, construir e preservar a
identidade / Fábio de Melo. — São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
288 p.

ISBN 978-65-5535-818-6

1. Autoconhecimento 2. Identidade (Psicologia) I. Título

22-2883

CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Autoconhecimento



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Sumário

Apresentando a questão.....	11
Um despertar tardio.....	16
É possível saber quem somos?	30
A filosofia está no antes de tudo.....	47
Onde mora o eu?	55
O lugar do eu na filosofia	63
O eu como si mesmo	75
Sou muitos, mesmo sendo um só.....	84
O que nos constrói ou destrói são as escolhas que fazemos.....	88
Os eus que nos chegam pelos conselhos.....	92
O eu imposto, impostor	102
Os administradores de nossa fragilidade original	107
O limite original.....	120
Do ser indivíduo ao ser pessoa	131
Os cárceres do indivíduo.....	146
O ineditismo do eu	152
O eu da pessoa.....	157
O conhecimento do eu como um processo maiêutico	163
O pastoreio do eu.....	170

O eu que desvendamos	176
O eu na dinâmica do vir-a-ser	184
O eu negado de Antônia	197
A atribuição de responsabilidades	208
A cultura da negação do eu	216
Os eus impostos e as religiões	229
Sob a proteção da falsa bondade	240
O pessimismo antropológico como impedimento para a evolução espiritual	253
Do pessimismo às máscaras	260
As máscaras como desdobramentos dos medos	271
A vida como lugar terapêutico	279

Apresentando a questão

Somos epifania, um desvelamento que nunca terá fim, uma revelação que descortina as idades dos tempos, as fases adormecidas que habitam os calabouços da memória. Somos como um remanso de rio. Corremos afluindo, recebendo, oferecendo, transbordando, escasseando, profundos, desertificados, sempre movidos pela força condicionante do devir, determinados pelo renovante movimento do vir-a-ser.

Como tão assertivamente nos sugeriu Heráclito,¹ assim como o rio, não poderemos oferecer, hoje, as mesmas águas ao que veio ontem, pois já seremos outros.

Por sermos essencialmente propensos aos ritmos de remanso, nunca estaremos revelados por completo. Por maior que seja o nosso empenho nesta busca pelo autoconhecimento, o transitar pela vida será marcado pela incessante sede de si mesmo. Somos um rio que nunca chega ao mar, um itinerário que segue sendo alterado constantemente, impondo-nos, assim, o destino de sermos sempre surpreendentes a nós mesmos.

1. Heráclito foi um filósofo grego nascido cerca de 470 a.C. na cidade de Éfeso, na Turquia, que era parte da Grécia Antiga. É um dos principais filósofos pré-socráticos, considerado por muitos como o pai da dialética.

Cada um cumpre o destino à sua forma, em pleno acordo com suas condições. Aos que ousam olhar nos olhos da dúvida, a verdade nunca se recusa a conceder um retalho de seu manto. Aos que insistirem seguir sem ela, será inevitável não sofrer com o derramamento de sua sombra.

Ficar ou partir é uma decisão existencial que escrevemos com os mínimos pontilhados de nossas escolhas. Aos que decidirem ir, um cais diário espera a oferecer o cálice da alegria. Aos que decidirem ficar, um “ai!” diário espera a oferecer o cálice da mesmice. Os alumbramentos correm nas veias dos que se procuram. O tédio será sempre propriedade dos que adiam a viagem ao dentro de si mesmos.

Este é um livro sobre identidade. É uma breve reflexão sobre a dinâmica existencial que nos permite identificar o *eu que somos*. Nem sempre a identificação é resultado de uma investigação teórica, uma convicção que nos tenha sido dada pelas vias da intelectualidade. É claro que ela pode ser fruto do autoconhecimento guiado, instruído, pois há, entre nós, os inveterados curiosos das questões humanas, sempre prontos ao desvelamento que a vida intelectual nos proporciona. Geralmente, porém, acreditamos no *eu que somos* porque o experimentamos na prática. É a dinâmica da vida que nos coloca nos braços do autoentendimento. Olhamos para o mundo que nos cerca e sabemos distinguir as realidades que nos afirmam e aquelas que nos negam.

O *eu que somos* é como um ímã com enorme poder de atração. Não havendo obstáculos, ele se desenvolve

naturalmente, atraindo e assimilando os elementos que o reforçam, uma vez que a verdade tem força de ser.

O eu é um mosaico que construímos aos poucos, mediante os processos de cada fase da vida. A criança, desde cedo, já demonstra ter vontades, inclinações. É o eu iniciando o seu florescimento normativo. Tudo que a cerca interfere positiva ou negativamente, pois as influências que recebemos podem coincidir com a imaturidade, com o limite que não nos permite um posicionamento contrário aos que negam o florescimento de nossa verdade.

Embora a nossa experiência nos mostre que o eu gravita a partir de um núcleo que promove a sua unidade, ele pode se desdobrar em muitos. Experimentamos, ao longo da vida, uma infinidade de versões de nós mesmos. O eu é generoso, adapta-se para viver as travessias, sabe desafiar-se, vestir-se do rosto temporário que o momento exige, certo de que o rosto substancial prevalecerá ao final.

No entanto, nem sempre é assim. E esse é o tema deste livro. Por motivos que esmiuçaremos melhor ao longo da reflexão, o *eu que somos* pode ser aniquilado pelos *eus que não somos*, pois a dinâmica da existência nem sempre é conduzida pela lucidez e pela coragem.

É natural viver temporariamente sob o comando de um eu que não nos pertence – faz parte do processo, porque seria imaturo imaginar que o mundo só vai nos colocar nas rotas que nos dizem respeito. Às vezes o mundo discorda de nós, contraria-nos, e precisamos enfrentá-lo. É no enfrentamento dessas discordâncias que amadurecemos emocionalmente,

fortalecemos a nossa resistência, desenvolvemos a nossa resiliência. Mas assumi-lo como definitivo, não.

A passagem pelos eus que nos negam é tão importante quanto a passagem pelos eus que nos afirmam, pois fomenta a nossa capacidade de acessar e conhecer o eixo de nossa verdade.

Quem vive se buscando nunca para de encontrar. Sim, o movimento do autoconhecimento é a dinâmica que mais ativa a sensação de estarmos vivos, viventes, atuantes, acordados. O descobrir-se é sempre encantador, ainda que a descoberta não nos coloque diante de sentimentos e posturas nobres. O olhar constante sobre o vivido não é um exercício vazio de sentido. Ainda que não possamos alterar um só centímetro do que foi vivido, nós podemos entender.

Entender é o primeiro passo para uma vivência regida pela gratidão. Entendemos para que o passado deixe de nos oprimir, para que tenhamos dele somente a sua porção educativa, pedagógica. Entendemos o passado para que o presente seja vivido com mais consciência e lucidez. Entendemos para que sejamos capazes de separar os sonhos das ilusões, para que tenhamos uma leitura mais assertiva de nós mesmos.

O entendimento gera serenidade, paz interior, pois dele resulta o amadurecimento. A maturidade é o elemento que põe a vida nos trilhos, que nos dá a prazerosa sensação de dever cumprido, o contentamento que nasceu dos inúmeros processos que nos fizeram chegar ao momento presente.

Estando assim, sob o comando do entendimento e da maturidade, todos os eus que fomos e somos convivem em harmonia – foram devidamente terapeutizados, colocados harmoniosamente no grande mosaico que é a nossa vida.

Este é o ponto nevrálgico de nossa reflexão. O nosso desejo é fazer um recenseamento particular. Quantos eus nos definem? Quantos são substancialmente nossos, quantos não são?